

Cardoso Pires deita Portugal no divã

O escritor português lança no dia 25, em Brasília, *Alexandra Alpha*

Rui Nogueira

Colaborador

Analista parcial e gradual. Abertura lenta e gradual. Redemocratização lenta e gradual, às vezes devagar quase parando. O que era para ser uma simples estratégia política para sair dos tempos negros da ditadura acabou transformando-se numa subespécie do jeitinho brasileiro. Na cultura, agora o rock, tudo o mais chega ao Brasil de forma lenta e gradual. É assim, por exemplo, que os brasileiros estão absorvendo a melhor literatura européia da atualidade — a literatura portuguesa.

O primeiro embalador da vitalidade (principalmente) do romance português foi José Saramago (*Memorial do Convento, Levantado do Chão, Jangada de Pedra*). Saramago precisou vir ao Brasil pelo menos três vezes, deitar muita falação em dezenas de conferências nas universidades do Rio e São Paulo, até ser descoberto pela mídia e pelo leitor. A caravela do boom literário português já trouxe outras figuras de destaque, mas desde quinta-feira está no Brasil aquele que pode ser considerado junto com José Saramago e Agustina Bessa-Luis, um dos melhores escritores da língua portuguesa.

Profissional

José Augusto Neves Cardoso Pires, 63 anos, chegou ao Brasil para lançar em várias capitais — em Brasília no próximo dia 25 — o último romance, *Alexandra Alpha*, editado pela Companhia das Letras e já em todas as livrarias. *Alexandra Alpha* é o último trabalho, editado; até o final do ano ele entrega ao

editor português um livro de "contos e fábulas" e uma autobiografia em forma de entrevista intitulada **Cardoso Pires por Cardoso Pires**.

Como a maioria dos autores portugueses que "explodiu" depois da Revolução dos Cravos em abril de 74, Cardoso Pires começou a escrever tarde — tinha quase 40 anos — e se tornou conhecido do grande público quando tomou a decisão de se profissionalizar, viver só da literatura. Largou o jornal **Diário de Notícias** — uma espécie de cachaça que até hoje ele não conseguiu abandonar por completo — largou a publicidade e, desde 1976, é um dos poucos autores portugueses a se dedicar exclusivamente à literatura.

Com *Alexandra Alpha*, um sucesso que vendeu em Portugal 30 mil exemplares na primeira edição, 60 mil na segunda e mais 7 mil e 500 no Círculo dos Leitores, Cardoso Pires cimenta uma trajetória que começou em 1949 com *Os Caminhos e Outros Contos* escrito sob influência direta dos ficcionistas americanos, sobretudo Hemingway.

Com 13 livros publicados o autor recebeu o reconhecimento do público e da crítica que lhe deram pelo menos dois importantes prêmios — o Prêmio Camilo Castelo Branco e o Grande Prêmio do Romance e Novela da Associação Portuguesa dos Escritores. No final de 86 o romancista Alan Sillitoe faz um balanço literário para o jornal inglês **Sunday Times** e incluiu uma obra de Cardoso Pires, *Balada da Prala dos Cães*, entre "as três grandes obras inovadoras no plano novelístico internacional". É um destino até certo ponto surpreendente para quem um dia se matriculou na Faculdade de Ciências de Lisboa — queria fazer Matemática —, abandonou o curso, foi para a Marinha Mercante, pulou de profissão em profissão e sentiu pela primeira vez o prazer do trabalho na publicidade.

Televisão

Além da publicidade, que o autor considera a escola onde ele aprendeu a domesticar a língua portuguesa, Cardoso Pires é um apaixonado pelo cinema e pela televisão. **Alexandra Alpha**, e outras obras, está pontilhada de lances cinematográficos. Há mesmo um cineasta, Désanti, que não passa de um ladrão, e algumas citações e alusões a papas da tela como Fritz Lang, Buñuel e Goddard.

Da televisão Cardoso Pires admira sobretudo a linguagem. Não vê a telinha como um diabo de chifres, orelhas pontudas e forquilha na mão, mas considera o veículo "uma máquina infernal, a grande máquina do poder hoje em dia". Em *Viajem à Literatura Portuguesa Contemporânea* de Cremilda Medina, José Cardoso Pires diz que o problema não está na programação criada pela tevê mas no conceito que o poder faz das massas:

— Cria-se uma mitologia de público, inventa-se o público que convém para impingir a programação pretepsamente exigida pelas massas.

É dele também uma das análises mais lúcidas sobre o fenômeno da telenovela brasileira que invadiu Portugal nos últimos anos. Ele reconhece a qualidade técnica do produto, mas...

— Há um poder aliciante na novela, um conceito de classe muito norte-americano. As classes sociais se entendem sempre por meio dos valores morais. O belo mundo carioca caracteriza sempre uma classe: eu, animal viciado em burguesia, não me meto nas favelas. Depois, os bons ricos descobrem os bons pobres e, tal como no romance cor-de-rosa norte-americano, todos se acertam com um grande elixir, os sentimentos. Não há muita diferença dos conflitos maniqueístas bons-maus da série **Dallas**.

Naquelas que podem ser consideradas as três grandes obras, ou pelo menos as três mais conhecidas, O Delfim (1968), Balada da Praia dos Cães (1982) e agora Alexandra Alpha, José Cardoso Pires persegue um tema que tem ocupado boa parte da intelectualidade portuguesa depois que passaram os anos quentes da Revolução. O vermelho dos cravos virou cor-de-rosa e o país começou a trilhar a vidinha pacata da democracia burguesa — a identidade do País.

Ao contrário de José Mattoso que revirou os conceitos da história portuguesa com excelentes ensaios, José Cardoso Pires dá a sua contribuição com a ficção. Mesmo não tendo um pingão de admiração por Eça de Queiroz, (prefere Machado de Assis), Cardoso Pires se comporta como o autor de **Os Malas e O Primo Basílio** sobretudo na maneira cáustica e sempre amarga a que submete os "mitos" portugueses. Há um prazer quase sádico, expresso na ferocidade com que investe contra os sentimentos piegas, ao tratar os personagens beatos, os personagens anticomunistas, os personagens fanáticos da extrema direita, os personagens prenhos de provincianismo e os paspalhos que não podem ouvir uma sílaba pronunciada em francês que se põem logo em sentido. tamanha é admiração pela cultura francesa até hoje considerada por muita gente o **creme de la creme** da sabedoria. Como diria Eça (e Cardoso Pires diz isso usando a mesma palavra), "isto é uma **choldra**". À mesa do bar Crocodilo, por onde passa boa parte da ação de **Alexandra Alpha**, o que não falta são protótipos de Conselheiro Acácio.

Alexandra Alpha é talvez a melhor análise de alma portuguesa já feita em toda a literatura daquele país. É Portugal deitado no divã, uma "metáfora" segundo o autor, ou ainda, como diria o personagem Ruy Bello, a radiografia de um povo que tem "uma maneira triste de estar contente". O crítico português Antônio Mega Ferreira da revista **Ler** fez a melhor definição de **Alexandra Alpha** — "é o romance do remorso, do remorso de todos nós".

☐ **ALEXANDRA ALPHA** — José Cardoso Pires, Editora Companhia das Letras, 1988, SP, edição com ortografia brasileira e glosário revisto pelo autor, 364 páginas, Cz\$ 6.600,00.

Do autor estão publicados no Brasil, pela Civilização Brasileira, **O Delfim e Balada da Praia dos Cães**.

O lançamento de **Alexandra Alpha**, em Brasília, será dia 25, na **Felra do Livro (Centro de Convenções)** no estande da **Casa do Livro**.



Cardoso Pires, um escritor profissional desde 76

As frases do Pires

"Nunca escrevi um poema na minha vida. E ensaio, só mesmo contra a censura"

••

"Não sou animal de teatro"

••

"Estilo bom é aquele que nem se nota. A qualidade não significa tempo de execução. Acho até que na elaboração, no rebuscamento, se perde a espontaneidade"

••

"Não considero virtude o fato de demorar para escrever. De certo esse é o **Infelizmente** do escritor"

••

"Os atos de criar vivem do sortilégio. Como os grandes atos de amor. Não é por se preparar que eles acontecem. Escrever é sempre um ato de surpresa"

••

"As pessoas pensam que o português é uma língua rica. Não, o por-

tuguês é uma língua pobre: tem palavras a mais"

••

"O escritor é o animal ingrato, incômodo. Deixa de ser artista quando satisfeito".

••

"Quando se acaba um livro, fica sempre a sensação de que haveria mais a dizer sobre isso".

••

"O português mal nasce já tem oito séculos".

••

"Nenhum país pode estar contente com a história que tem, é preciso procurar as lições que ela deu"

••

"Os brasileiros têm uma visão de Portugal um pouco folclórica. Durante meio século Portugal foi representado no Brasil pela escória mental do país, os comendadores".

Alexandra Alpha:

contra as perucas e os postigos

Fernando Assis Pacheco

jornalista

O prostituto Waldir da Praia esborracha-se, talvez baleado em vôo, nas rochas da Ponta do Arpoador, Rio de Janeiro. Sophia Beatriz, aliás a Doutora, Bonifrates para os amigos, faz sucessivas gravidezes-fantasma até conhecer Sebastião Manuel Opus Night, "Lisboeta por fadário e transmontano por convicção", rei do uísque manso embrulhado em anexins, que talvez venha a empenhá-la. Amadeu Fragoso, o Gruyere, mastiga um dia-a-dia cinzento onde entram a pele picada das bechigas, o último número do **Communications** e um lugar na TV, Bernardo (filho do Bernardo) Bernardes, "rosado e corpulento e de muita organização", passeia a brotoeja gaulesa na Lisboa basbaque, citando mesmo Camões e Pessoa na língua de Roland Barthes. Alguém que o topa a milhas rosna do lado:

"Ia jurar que este menino só se vem em francês!"

Quem rosna é Maria Alexandra, alentejana de Beja, especialista em **marketing** na Alpha Linn Portugal (óbvia sede nos Estados Unidos, Los Angeles), protagonista do último romance de José Cardoso Pires. Waldir foi o seu "mais amado", tanto que ela lhe adotou o filho e o trouxe para Lisboa, onde finalmente deitaria corpo, buço e maneiras fornicantes com o nome de Beto, na pia batismal Marcos Roberto. Estas relações meia mãe meio filho enchem longitudinalmente o livro, todo ele, de resto, apostado, de resto, em confirmar que o autor de **O Hóspede de Job** e **O Delfim** é, talvez com Fernanda Botelho, um dos mais diretos herdeiros da prosa de análise psicológica de entre guerras, o que qualquer deles faz com absoluto conhecimento de causa, logo no máximo rigor, e sem por isso se afastarem da óbvia matriz realista.

Alexandra Alpha é um livro como certos vinhos de coleção, rico em **bouquet** e com um fim de boca notável (o **bouquet** não foi bebido em Bernardes, abstêmio militante enxaguado em água mineral Perrier). Chamar-lhe-famos romance da noite, dos interiores velados, das vozes que súbito crepitam nas barras do álcool convivial ou ao canto de uma sala onde a vitrola debita Mahler, Britten, etc, se não começasse e acabasse usando seqüências solares: Waldir picando sobre a praia, o engenheiro ex-padre decolando do aeródromo acompanhado pelas **manas** Alexandra e Maria, e em volta o azul cegante da manhã.

É, Isso sim, um romance sobre o amor, e se alguém entender a proposta no plural andar avisado. O amor louco, a cama de conveniência, a castidade e o furor uterino, o **saber como** contrapondo pelo **depois a gente vê** (se sempre fazes o aborto). Romance em que o amor **quase sempre falha**, na linha de outras narrativas de Cardoso Pires: por defeito (de entrega), por excesso (de lucidez).

Também esperávamos que **Alexandra Alpha** fosse, e é, uma série de ajustes de contas, no que eles têm de **leitmotiven** na obra ficcional de Cardoso Pires. Alvos a iluminar? As relações familiares convencionais. O fascismo nacional com todos: a polícia, a censura, o colaboracionismo, a estupidez do **Gaulleter** da cultura, um doutor Dinosaurio moribundo a apalpar o rabo das enfermeiras. O comportamento masculino oscilando do complexo de inferioridade à hipocrisia do **chefe**. Enfim as perucas e os postigos da cultura, gente que carrega a "literatura de sovaco" para **mostrar** que e tenta safar-se no "alguidar de lacraus". Ou enfim e sempre principalmente Portugal, que faz Alexandra rosar:

"Isto não é um país, é um sítio

mal freqüentado", (mas depois veio do Brasil e a música, de 61 em diante, começou a ser outra; dir-se-á mais tarde que "nós éramos assim, modestos e arrumadinhos mas com três guerras à falta de uma")

A prosa muda freqüentemente de registro, estando particularmente à vontade na escrita de relatório (policial ou não) ou na reapropriação do estilo do gujão cinematográfico (que vem de longe antecipando-se no tempo aos Handke e aos Susskind). Cardoso Pires é muito destro na colocação dos dois pontos e na abertura do parágrafo longo com um período ultracurto. Reconhecemos por outro lado meia dúzia de citações, outras havermos-ão escapado. Esta parece de García Marquez (as aberturas de **Cem Anos de Solidão** e **O Outono do Patriarca**):

"Assim, passados muitos anos, quando o irmão deixou Lisboa, à frente de uma formação de dez soldados artesãos e três camiões militares carregados de mobília, e se veio juntar a ele; quando chegou e deitou abaixo o desconjuntado portão da herdade só com o frêmito da sua passagem; e cruzou o pátio; e subiu a escada saudado por um alvoroço de galinhas acoradas no corrimão..."

O que mais gostamos: esse pulso de ferro entre o **amor amor** e o **amor coisa mentale** que Cardoso Pires personifica em Alexandra Alpha (**alpha**, a primeira, a inaugural) e Maria (pequeno som, quase inarticulado, e por isso tão pungente). O que menos: o excesso de frases sentenciosas na boca da protagonista.

Talvez o romancista, supremo deus da sua escrita, tenha querido participar no cast por interposta personagem.

□ Esta crítica ao livro **Alexandra Alpha** de Cardoso Pires foi publicada no final do ano passado em Portugal no seminário O Jornal